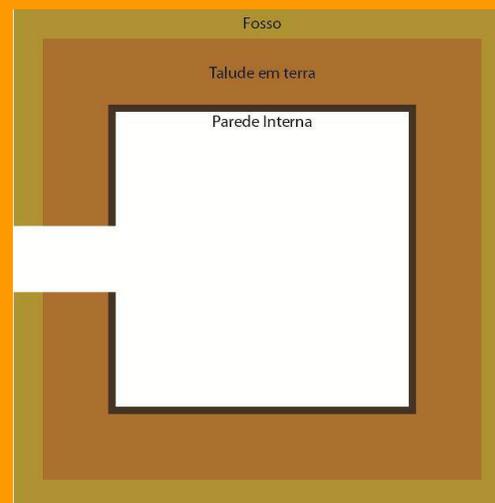


**A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS - MORADAL:  
UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA  
DAS ESTRUTURAS MILITARES IDENTIFICADAS**

**The Talhadas - Moradal Defensive Line: an essay  
on the types of identified military structures**

Mário Jorge Mascarenhas Monteiro



Vila Velha de Ródão, 2012

**A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS - MORADAL:  
UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS  
MILITARES IDENTIFICADAS**

**The Talhadas - Moradal Defensive Line:  
an essay on the types of identified military structures**

Mário Jorge Mascarenhas Monteiro<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** fortes e baterias; estruturas militares; Guerra dos Sete Anos; Guerra das Laranjas.

**Key words:** forts and batteries; military structures; The Seven Years' War; The War of the Oranges.

---

<sup>1</sup> Arqueólogo de EMERITA, Lda. e colaborador da Associação de Estudos do Alto Tejo.

**Resumo**

Pretende-se fazer uma abordagem geográfica, histórica e arqueológica da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, no sentido de destacar a sua importância para o Reino, numa era de frequentes conflitos militares por toda a Europa, e do elevado valor cultural que esta contém para a História de Portugal.

Com esta finalidade elaborou-se um ensaio sobre a tipologia das estruturas militares até agora identificadas, tendo por base os trabalhos arqueológicos de escavação e prospecção realizados, assim como das épocas, nalguns casos prováveis, da sua construção.

Trata-se de estruturas com alguma fragilidade, que ainda hoje permanecem na memória dos habitantes locais como sendo do “tempo dos franceses”.

Como conjunto a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal possui valor histórico e cultural idêntico ao das Linhas de Torres, sendo fundamental continuar a trabalhar no sentido de que lhe seja reconhecido o devido valor, assim como na identificação, preservação e valorização de todas

as estruturas que a constituem, trabalho no qual se têm empenhado a Câmara Municipal de Proença-a-Nova e a Associação de Estudos do Alto Tejo.

### **Abstract<sup>2</sup>**

It is intended to make a geographical, historical and archaeological approach of the Talhadas-Moradal Defensive Line, to highlight its importance to the Kingdom in an era of frequent military conflicts throughout Europe, as well as assessing the high cultural value it holds for the History of Portugal.

To this end was drawn up an essay on the types of military structures identified so far, based on the digging and prospection archaeological work carried out, as well as the probable epochs, in some cases, of its construction.

These are structures with some fragility, which still remain in the memory of local people as being from the "time of the French."

---

<sup>2</sup> Tradução de Cláudia Bettencourt.

As a whole the Talhadas-Moradal Defensive Line has an identical historical and cultural value as the Lines of Torres, and it is essential to continue the work so its due importance is acknowledged; as well as identifying, preserving and valuation of every structure, tasks that the City Hall of Proença-a-Nova and the Associação de Estudos do Alto Tejo (Association for the Study of the Alto Tejo), have been committed to.

### **Introdução**

Há quase duas décadas que se têm desenvolvido trabalhos no âmbito do projecto "Linha Defensiva das Talhadas-Moradal", o que sendo muito tempo não se encontra em consonância com os trabalhos desenvolvidos. Muito se fez com a disponibilidade e entusiasmo da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, da Associação de Estudos do Alto Tejo, colaboradores e amigos, mas muito mais há a fazer.

Não se pretende aqui repetir o já publicado<sup>3</sup>, pretende-se sim dar conhecimento dos novos dados obtidos até à data, através da pesquisa, do estudo e da prospecção arqueológica.

Com esta finalidade elaborou-se um ensaio sobre a tipologia das estruturas militares até agora identificadas, tendo por base os trabalhos arqueológicos de escavação e prospecção realizados, assim como das épocas prováveis, nalguns casos, da sua construção.

Pretende-se igualmente prestar a devida homenagem àquele que deu origem ao projecto, Friedrich Wilhelm Ernest zu Schaumburg-Lippe, Marechal General dos Exércitos de Portugal, entre 1762 e 1764, à 250 anos atrás.

Para tal, teremos que iniciar com uma abordagem geográfica, histórica e arqueológica da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, no sentido de destacar a sua importância para o Reino, numa era em que os conflitos militares grassaram por toda a Europa, e o elevado valor cultural que esta contém para a História de Portugal.

---

<sup>3</sup> Monteiro, Mário & Pereira, André (2008) - "O Forte das Batarrias sobre a Ribeira do Alvito. Proença-a-Nova. Análise Preliminar da Intervenção Arqueológica". *Açafa On-line*, n.º 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

### Homenagem a Friedrich Wilhelm Ernest zu Schaumburg-Lippe

Conde soberano de Schaumbourg (principado na Baixa Saxónia, Alemanha). Nasceu em 24 de Janeiro de 1724 na cidade de Londres, Inglaterra. Faleceu em 10 de Setembro de 1777 numa modesta casa que construía nos terrenos do ducado. Era sobrinho de Jorge II de Inglaterra, primo direito de Frederico II da Prússia e primo em segundo grau de Jorge III de Inglaterra, que teve grande influência na sua nomeação para Portugal.

Em 1762, pressentindo o Marquês de Pombal a guerra envolvendo Portugal contra a Espanha e França, pede auxílio ao Governo britânico, que por sua vez indica como militar capaz para o conflito que se aproximava, Wilhelm Schaumburg-Lippe. Em 3 de Julho daquele ano, afirma-se em Decreto a sua nomeação como Marechal General dos Exércitos, encarregando-o do "*governo das armas de todas as tropas de infantaria, cavallaria, dragões e artilharia, além de diretor geral de todas elas.*"

Chega a Portugal em 3 de Julho de 1762, data em que uma coluna inimiga já tentara penetrar pela fronteira trasmontana até ao Porto e sido travada pela acção das ordenanças. A 25 de Agosto as forças

espanholas entram pela fronteira das Beiras e tomam a praça de Almeida. Em Setembro, mudando de comando e de tática, o exército espanhol entra pela fronteira da Beira Baixa e toma Castelo Branco, dividindo-se em diversos corpos que se dirigem para passagem de Sarnadas de São Simão (Orvalho e Cardosa), do Alvito (Catraia) e do Porto do Tejo (Vila Velha de Ródão). Em 2 de Outubro iniciam-se os confrontos em Vila Velha de Ródão e a 3 de Outubro dá-se o choque do Alvito. Em 1 de Dezembro é assinado o armistício entre os exércitos luso-britânico e franco-espanhol.

Ao serviço de D. José I, como marechal general do exército português, Lippe pôde adoptar para o exército português uma organização e táticas actualizadas, que tivera ocasião de praticar com as suas reduzidas forças no exército aliado da Guerra dos Sete Anos. Porém, teve também ocasião de conhecer, e depois adaptar, táticas de resistência não convencional, utilizadas secularmente por Portugal, um pequeno país constantemente obrigado a resistir a um maior.

Segundo consta, a sua proposta sobre a defesa de Portugal, que foi enviada a Lisboa, contem passo a passo no maior pormenor, todas as medidas que mais tarde Lord Wellington tomou nas Linhas de Torres,

cujas posições e movimentos são aparentemente a execução dos dados e indicações de Lippe.

Deixa Portugal em Setembro de 1764, elevado por D. José I à dignidade de príncipe de sangue com tratamento de alteza, e recebendo nessa ocasião valiosos presentes, que consistiram em 6 canhões de ouro pesando cada um 32 libras montados em reparos de ébano chapeados de prata, um botão e uma presilha de brilhantes.

Tendo encontrado um país sem exército organizado, e já a ser invadido, consegue em poucos meses preparar a defesa do reino, impedindo o invasor de chegar à capital. Em dois anos deixa o reino com um exército organizado e modernizado, com planos de defesa e fortificações fronteiriças adaptadas aos novos armamentos. O seu génio militar é usualmente associado ao legado material manifesto no Forte da Graça (ou de Lippe) em Elvas, porém encontra-se igualmente expresso nas linhas defensivas que construiu ou projectou, e há que atribuir os louros a quem competem.

A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS-MORADAL: UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS MILITARES IDENTIFICADAS  
Mário Jorge Mascarenhas Monteiro

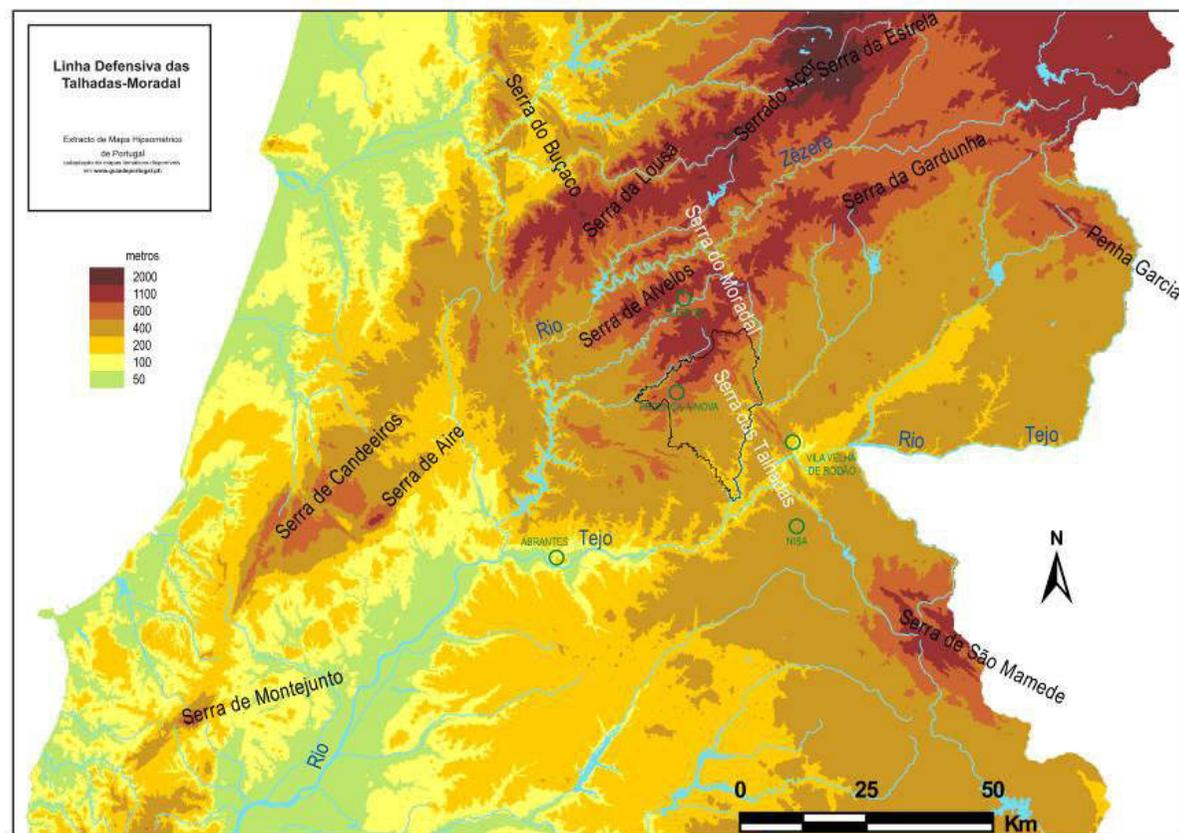


Figura 1. Extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em [www.guiadeportugal.pt](http://www.guiadeportugal.pt)).

## 1. Breve introdução geográfica e histórica

A Serra das Talhadas e a Serra do Moradal formam uma muralha natural de sentido NNO-SSE, com cerca de 27km de extensão, entre o Rio Tejo e o Rio Zêzere, e altitudes variáveis entre os 500m e 614m nas Talhadas e os 912m e 838m no Moradal (Figura 1).

As serras localizam-se na plataforma xistosa pertencente ao “Complexo Xisto-Gresoso das Beiras”, composto por xistos argilosos finos, sendo as Serra das Talhadas e do Moradal formadas por uma imensa crista quartzítica.

Trata-se de uma área montanhosa de relevo muito irregular, profundamente recortado por linhas de água que circulam por vales sinuosos e encaixados (Figuras 2, 3 e 4), onde, à época em questão, para um exército numeroso apenas era possível a passagem em sete locais (as portelas ou vias naturais de trânsito), de difícil travessia e nem todos possuindo largura suficiente para a circulação de carros.



Figura 2. Serra das Talhadas vista de Nordeste.



Figura 3. Serra das Talhadas vista de Noroeste (fotografia de Francisco Henriques).



Figura 4. Serra do Moradal vista de Sul.

*A Serra das Talhadas, embora só por si considerada inexpugnável, foi, contudo, durante a campanha de 1762, fortificada pelo Conde de Lippe que «quiz aumentar a força d’esta forte posição», mandando construir vários redutos que, no dizer do coronel Vasco Salema «os soldados de Junot puderam-nos admirar quando, penosamente mas sem um único tiro, subiam as Talhadas».” (Santos, 1976: 98).*

No actual estado do conhecimento sabe-se que a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal foi, pelos menos, utilizada no âmbito de duas guerras com Espanha, em 1762 e em 1801.

É construída no âmbito da Guerra dos Sete Anos, em 1762, por ordem do Marechal Conde de Lippe, contratado pelo Marquês de Pombal para organizar e comandar as forças portuguesas contra o invasor (Espanha com o apoio de França).

Em 1801 dá-se a Guerra das Laranjas, tendo a linha defensiva da Beira Baixa sido organizada e comandada pelo Marquês d’Alorna. Nesta data a Linha das Talhadas-Moradal é reorganizada, sendo reestruturadas as posições existentes, construídas novas estruturas e uma estrada militar no Moradal. Contudo, a força invasora (Espanha com o apoio de França) entra pela fronteira do Alentejo, não tendo os contingentes da Beira Baixa chegado a entrar no conflito.

Em 1807 a 1.<sup>a</sup> Invasão Napoleónica entra pela Beira Baixa, sem que seja disparado um tiro, como ordenado pelo príncipe regente D. João (futuro D. João VI), contudo, a intempérie e o terreno muito difícil encarregam-se de dificultar e reduzir o exército invasor. Os franceses vêm as estruturas militares que se encontravam despojadas de homens e armamento.

Em 1810, ainda no âmbito das Invasões Napoleónicas é feito o reconhecimento da Linha Defensiva pelo Marquês de Castello Melhor e

Manoel Jozé Dias Cardoso, o objectivo seria avaliar o que havia a fazer para ficar operacional.

### O Corredor da Beira Baixa

Para conquistar o Reino era fundamental conquistar a sua capital, Lisboa, e se possível capturar o Rei. Feito isto, todo o Reino se renderia.

Sendo a Beira Baixa uma das possíveis rotas de invasão do Reino, em 1762 Lippe, aproveitando o relevo muito acidentado da região, idealiza e concretiza uma linha defensiva, polvilhada de redutos que controlavam as principais vias de circulação.

O Marechal General estabelece em Abrantes o quartel-general, de onde partiam e para onde confluíam todos os contingentes militares. Abrantes constituía uma “porta” que impedia o acesso à capital, pelo que era fundamental a sua defesa.

Encontrando-se o quartel-general estrategicamente posicionado entre Tejo e Zêzere, onde este último conflui com o primeiro, e por estes entrincheirado a Sul, a Oeste e a Norte, havia que fechar a via de

acesso onde tal era viável e funcional. Surgem assim as serras das Talhadas e do Moradal cujas cristas abrutadas, conjuntamente com os rios, fechavam um “triângulo” no topo do qual se localizava Abrantes.

A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal formava uma primeira e extensa cintura fortificada nesta rota de invasão, todavia, não era única, o sistema defensivo incluía redutos em pontos estratégicos ao longo das rotas de retirada (conforme referido em algumas fontes documentais e comprovado em campo no concelho de Proença-a-Nova) e uma segunda cintura fortificada em redor de Abrantes.

Este sistema defensivo, ainda que numa escala mais ampla no espaço e menos imponente no número de redutos, recorda outro que surgiu mais tarde, ou seja, as Linhas de Torres Vedras. Usualmente atribuídas a Wellington, levanta-se a dúvida quanto à eventual existência prévia do plano. De acordo com o excerto transcrito por António Brito (Brito, *s/d*, Introdução, 3.º parágrafo), na investigação que desenvolveu sobre a vida e obra de Lippe, “Numa missiva a um dos primitivos biógrafos de Lippe – Varnhagen von Ense – afirmava Gneisenau: “*V. tornou o Conde de Lippe famoso, mas esteve longe de corresponder aos seus merecimentos; ele era ainda muito maior do que a imagem que V. dele*

*nos dá. Eu passei há uns tempos um período em Bückeberg e li no Arquivo os manuscritos dele. Todo o nosso chamamento às armas do ano de 1813, a Landwehr e o Landsturm, toda a nova estrutura militar, tinham sido por ele exaustivamente architectados; dos traços mais largos aos mais pequenos pormenores ele sabia tudo, tinha tudo ensinado e experimentado. A sua proposta sobre a defesa de Portugal, que foi enviada a Lisboa e lá cuidadosamente guardada, contem passo a passo no maior pormenor, todas as medidas que mais tarde Lord Wellington lá tomou, cujas posições e movimentos não são mais que a execução dos dados e indicações de Lippe.”* Seria importante esclarecer tal possibilidade.

Como acima referido, aproveitando as excelentes condições de defesa que o terreno facultava, formadas pelos Rios Tejo e Zêzere e pelas muralhas naturais que constituem as serras das Talhadas e do Moradal, Lippe fechou o acesso a Abrantes, tentando igualmente impedir a passagem do invasor para os terrenos planos do Alto Alentejo, por onde o avanço do invasor dificilmente seria travado.

Tendo um exército inferior ao do invasor, o objectivo não seria dar batalha, mas sim atrasar e dificultar a progressão do invasor mediante

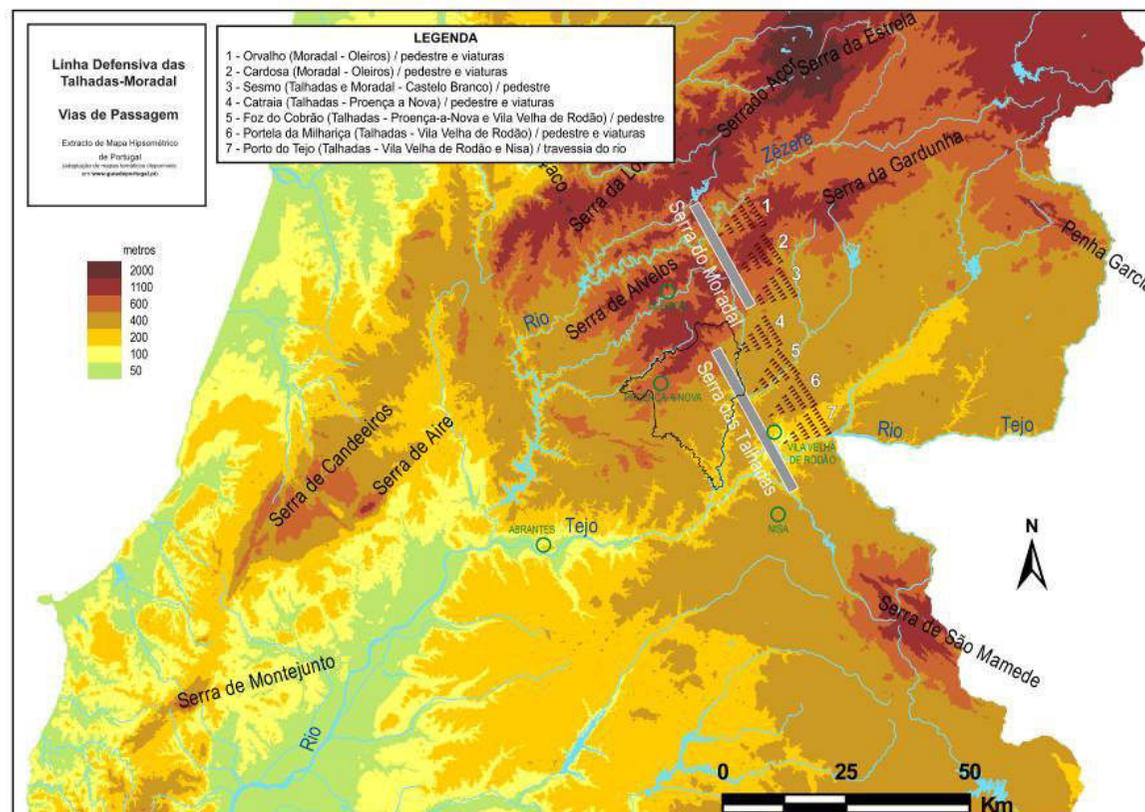
escaramuças, dando tempo para a organização do exército defensor nos pontos onde este fosse mais necessário.

Sendo sete as vias de passagem referidas nas fontes documentais (Figura 5), apenas numa se sabe não terem sido construídos redutos, na Foz do Cibrão, uma via pedestre de progressão muito difícil.

Usualmente mencionadas pelas fontes coevas, são três as principais vias, sendo claramente a principal a da Catraia.

Na passagem da Catraia (ou da Venda) passava o “caminho de carro” que ligava Castelo Branco a Sobreira Formosa (paralelo à actual estrada Nacional 233 – Figura 6), atravessando uma portela localizada na extremidade Norte da serra das Talhadas. Este era o ponto central da linha, onde passaram o grosso das forças invasoras e da sua logística. Este núcleo defensivo constituía o “coração” de toda a linha, tendo sido construído um vasto conjunto de estruturas militares recorrendo a variadas tipologias e técnicas construtivas, das mais elaboradas às mais elementares, batendo a referida estrada e protegendo a via de retirada dos defensores.

**A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS-MORADAL: UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS MILITARES IDENTIFICADAS**  
Mário Jorge Mascarenhas Monteiro



**Figura 5.** Localização das vias de passagem nas Serras das Talhadas e do Moradal, sobre extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em [www.guiaportugal.pt](http://www.guiaportugal.pt)).

*“Seguindo de Vila Velha para o norte não se acham, numa extensão de dezoito léguas, para atravessar estas montanhas, senão duas estradas, sendo ambas elas más. Uma passa de Sarzedas a Sobreira Formosa e a outra vai pela montanha de S. Simão”* (Soriano, 1867).

A Norte, na sinuosa e acidentada Serra do Moradal, onde em 1801 o Marquês d’Alorna manda construir uma estrada militar, era viável a travessia por duas passagens não muito distantes, no Orvalho e na Cardosa, contudo dado ser uma travessia muito difícil apenas são construídas baterias a controlar as estradas principais.

As passagens no Porto do Tejo (Vila Velha de Rodão – Figura 7) e da Catraia tinham vantagens sobre as restantes pelo facto de disporem à época de caminhos-de-carro adequados à progressão de um exército e de equipamentos volumosos e pesados. Todavia, no Porto do Tejo o objectivo seria a travessia para a planície Alentejana e isso teria que ser evitado. Assim, é aqui construído o segundo maior núcleo defensivo da linha. Ambas as margens do Tejo são fortificadas com baterias, mas sem o apoio de fortes com a dimensão e monumentalidade dos existentes na Catraia.



**Figura 6.** Vista da estrada de Castelo Branco – Sobreira Formosa, vista da Bateria das Baterias.



**Figura 7.** Porto do Tejo (Vila Velha de Ródão) - gravura pintada por George Landmann (1808).

## 2. O estado do conhecimento

Pesquisa documental, prospecção, levantamentos, escavação, muito tem sido feito, muito há por fazer. Tem-se conhecimento de que mais estruturas existem para além das que agora iremos referir, porém, relativamente a essas não se dispõem, ainda, de dados que permitam indicar uma localização minimamente aceitável.

### Concelho de Oleiros

Sendo referidas diversas estruturas militares nas duas vias localizadas na extremidade norte da linha defensiva, até à data apenas foi possível identificar duas baterias (Figuras 8 e 9), graças à informação oral de habitantes locais. Encontram-se dissimuladas por denso coberto arbustivo e arbóreo sendo muito difícil um levantamento adequado.

### Concelho de Proença-a-Nova

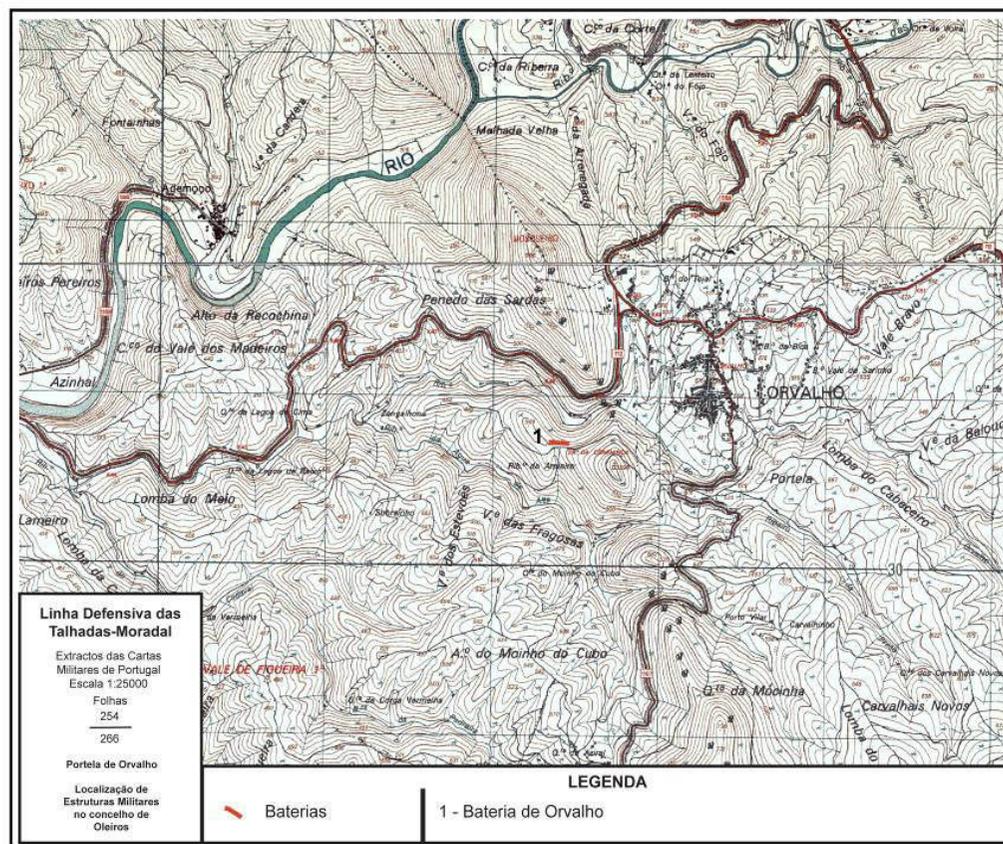
É o concelho onde mais trabalho se desenvolveu e por isso o melhor conhecido. Aqui localizava-se a principal via de passagem, daí se encontrar fortificada com as mais variadas estruturas, das mais complexas, respeitando todos os princípios da arquitectura militar, às mais simples, claramente para utilização numa campanha.

A organização do sistema defensivo é aqui bem estruturado, aproveitando no terreno pontos estratégicos para dificultar, senão impedir, o avanço do invasor.

Na vanguarda o verdadeiro sistema defensivo. Não sobre a portela que ali se abre nas Talhadas, onde o terreno é mais plano, mas a cerca de três quilómetros à frente, sobre a travessia da estrada de Castelo Branco na Ribeira do Alvito, onde a irregularidade do terreno facilita a defesa, designado como Núcleo da Catraia.

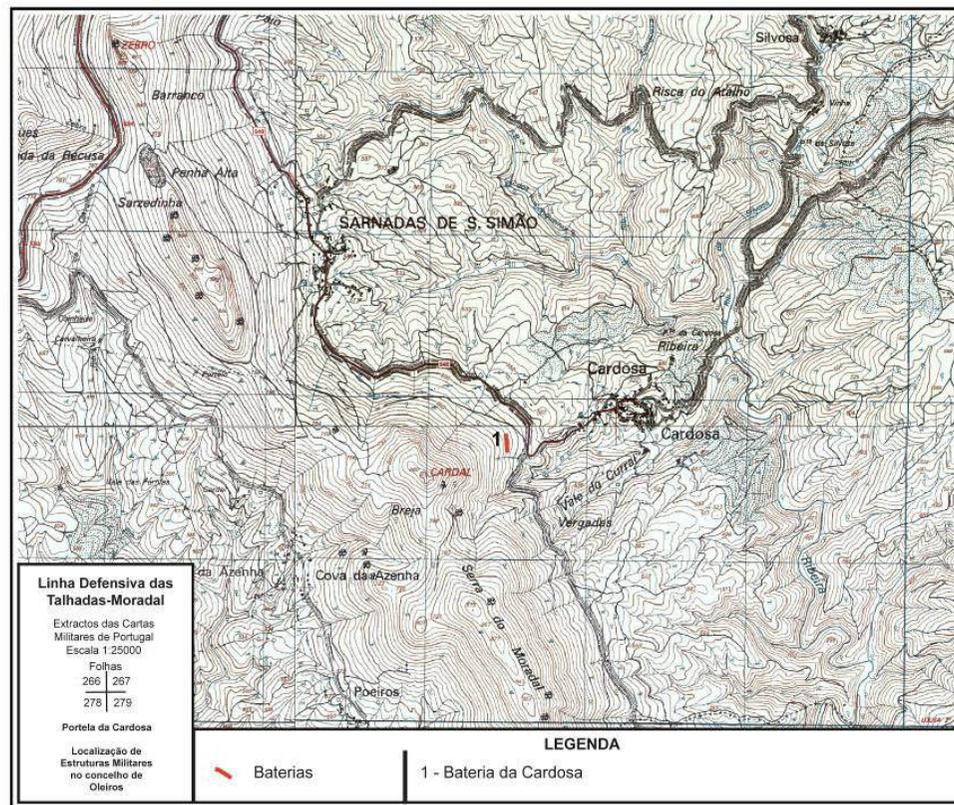
Aqui se construiu um sistema formado por fortes, baterias, trincheiras, cobrindo a retaguarda, prevenindo o flanqueamento, controlando as estradas (Figura 10).

**A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS-MORADAL: UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS MILITARES IDENTIFICADAS**  
Mário Jorge Mascarenhas Monteiro



**Figura 8.** Extracto de cartografia militar à escala 1:25000 com a localização da única estrutura conhecida na passagem de Orvalho.

**A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS-MORADAL: UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS MILITARES IDENTIFICADAS**  
Mário Jorge Mascarenhas Monteiro



**Figura 9.** Extracto de cartografia militar à escala 1:25000 com a localização da única estrutura conhecida na passagem de Cardoso.

# A LINHA DEFENSIVA DAS TALHADAS-MORADAL: UM ENSAIO SOBRE A TIPOLOGIA DAS ESTRUTURAS MILITARES IDENTIFICADAS

Mário Jorge Mascarenhas Monteiro

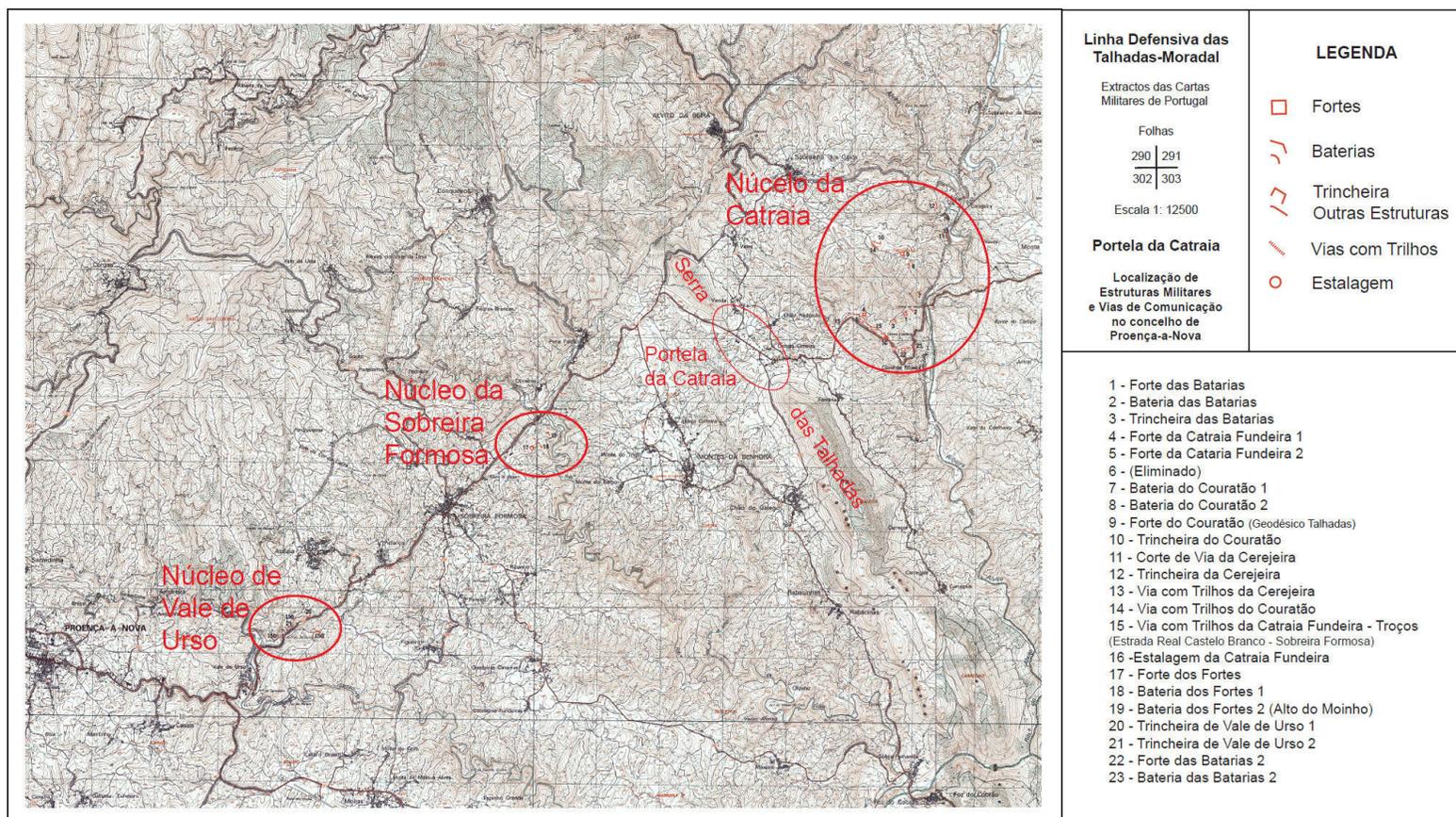


Figura 10. Extracto de cartografia militar à escala 1:25000 com a localização das estruturas conhecidas no concelho.

Na retaguarda sistemas defensivos, mas com o objectivo de proteger a retirada das forças defensoras e retardar o avanço das invasoras. Encontram-se em locais de difícil progressão, vales atravessados por linhas de água, onde a retirada seria certamente mais lenta. Encontram-se igualmente em pontos de difícil acesso, sobre a estrada de castelo Branco, estando o primeiro na margem Oeste da Ribeira da Fróia (Núcleo da Sobreira Formosa) e o segundo na margem Este da Ribeira da Sarzedinha (Núcleo de Vale de Urso).

Sendo estes últimos dois núcleos conhecidos na linha de retirada para Abrantes, sabemos não serem os únicos, dado ser referido no relatório de 1810 (Castello Melhor & Cardoso, 1810) que esta seria a melhor via por se encontrar defendida até Abrantes e para onde deveriam convergir todas as forças em retirada.

De acordo com as fontes documentais e com os dados obtidos na escavação do Forte das Batarías, é seguro afirmar que as estruturas militares neste concelho foram construídas em 1762, tendo sido numa segunda fase, em 1801, reestruturadas, adaptados às necessidades da época e construídos novos redutos.



Figura 11. Vista do Forte das Batarías após a escavação arqueológica.

A atestar a ocupação do Forte das Batarías (Figura 11) em 1801, foram neste forte recolhidas duas lajes em xisto (num tipo de xisto que não existe no local, logo trazido de outro local) grafitadas, possivelmente por um soldado que passando dias entediados à espera do invasor, que por ali não passou, se entreteve a rabiscar, a praticar a escrita, a afiar o gume de uma faca nas lajes (a tipologia dos grafitos é idêntica em

ambas, pelo que presumimos que o autor tenha sido o mesmo indivíduo).

A primeira, que designámos “Pedra dos Rabiscos” (Figura 12), encontra-se coberta por grafitos entre os quais se encontra um abecedário, iniciais e um nome incompleto e, aparentemente, o nome da povoação de onde era originário. A posição em que se encontrava a laje (sobre uma bancada ao lado de uma rampa de canhoeira a Sul) e a dimensão indiciam que teria uma função relacionada com a peça de fogo que ali estava colocada, havendo uma segunda laje com idêntica dimensão e posição na canhoeira existente no lado oposto (esta sem gravações).

A segunda laje. “que designámos “Pedra da Data” (Figura 13) é de dimensão mais reduzida e encontra-se parcamente grafitada, porém tem uma data, “1801”.

Com isto podemos concluir que o autor era letrado (ou pelo menos estava a aprender), teria por nome João ou José Manoel (o nome está sempre incompleto, pelo que é apenas uma suposição), seria do Pedrógão (Pedrogam é o que parece estar escrito) e terá ali estado em 1801. Segundo as fontes consultadas, em 1801 os fortes terão sido guarnecidos com milícias da Beira Baixa, pelo que tudo se enquadra.

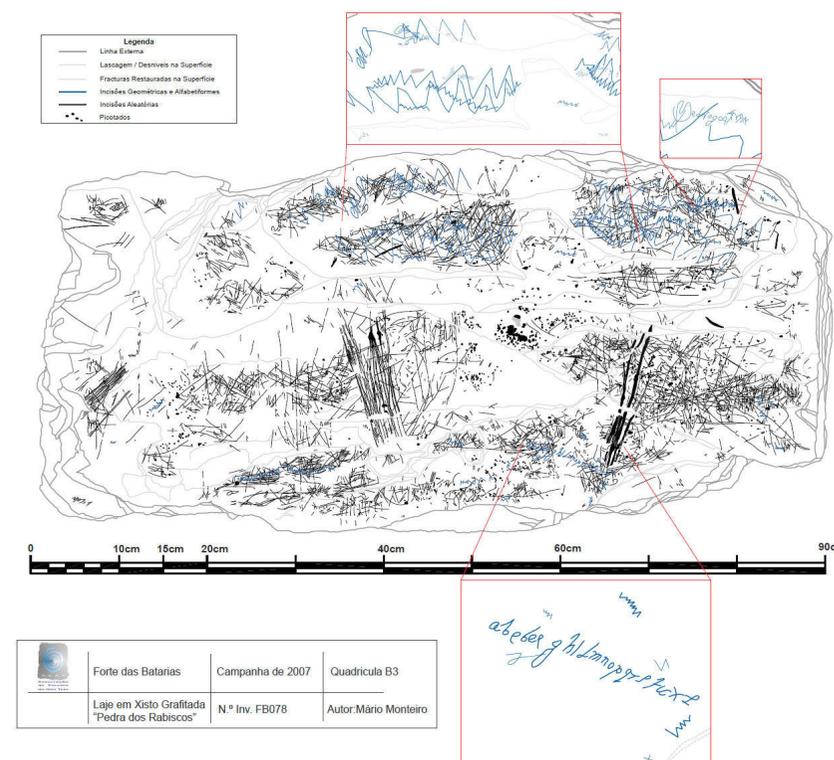
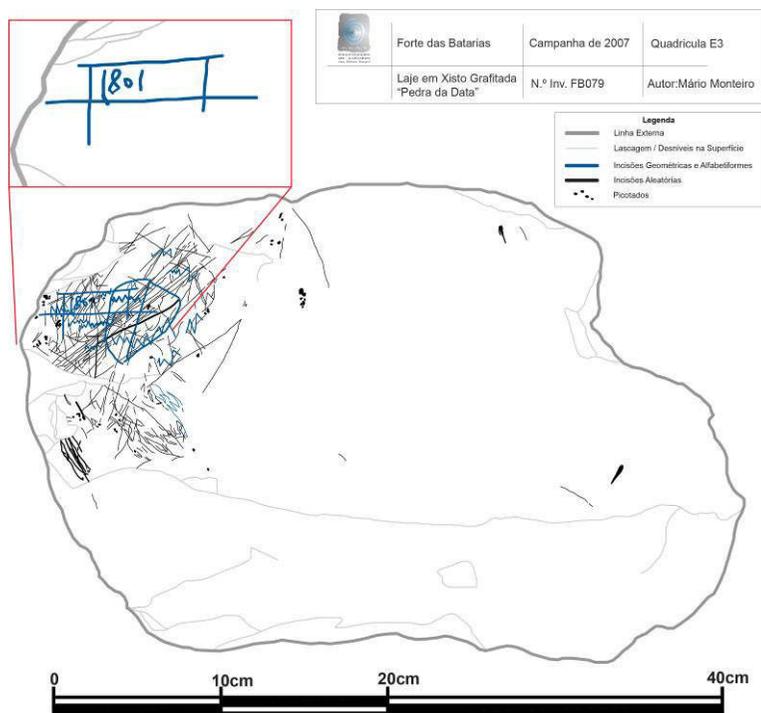


Figura 12. Decalque da “Pedra dos Rabiscos”, laje de xisto grafitada encontrada no Forte das Batarrias.



**Figura 13.** Decalque da “Pedra da Data”, laje de xisto grafitada encontrada no Forte das Baterias.

### Concelhos de Vila Velha de Rodão e de Nisa

Teremos que falar conjuntamente dos dois concelhos, uma vez que aqui se trata apenas de um único sistema defensivo, sendo a divisão meramente ao nível da actual divisão administrativa.

Abrangendo as duas margens do Rio Tejo, o objectivo seria dificultar a travessia do rio no Porto do Tejo, à época feito de barca (Figura 14). Tendo sido iniciada a construção em 1762, e sendo certamente desta época a reutilização do Castelo e a construção das quatro baterias na margem sul do rio, outros redutos terão sido construídos entre 1762 e 1810, contudo, ainda não nos é possível determinar uma data concreta.

Os redutos posicionam-se ao longo das encostas da Serra das Talhadas, batendo a estrada entre a Beira Baixa e o Alentejo ao longo de um amplo troço do rio. Num posto avançado uma bateria (com o número 5) controlava a estrada vinda de Castelo Branco, no Castelo um posto de observação controlava a travessia do rio (e possivelmente comandava o sistema defensivo). Dentro do castelo foram sendo construídas em 1762 estruturas para acantonar homens e uma canhoeira, na retaguarda trincheiras protegiam o castelo de eventuais manobras de flanqueamento, na vanguarda uma trincheira ou bateria mirava o rio.

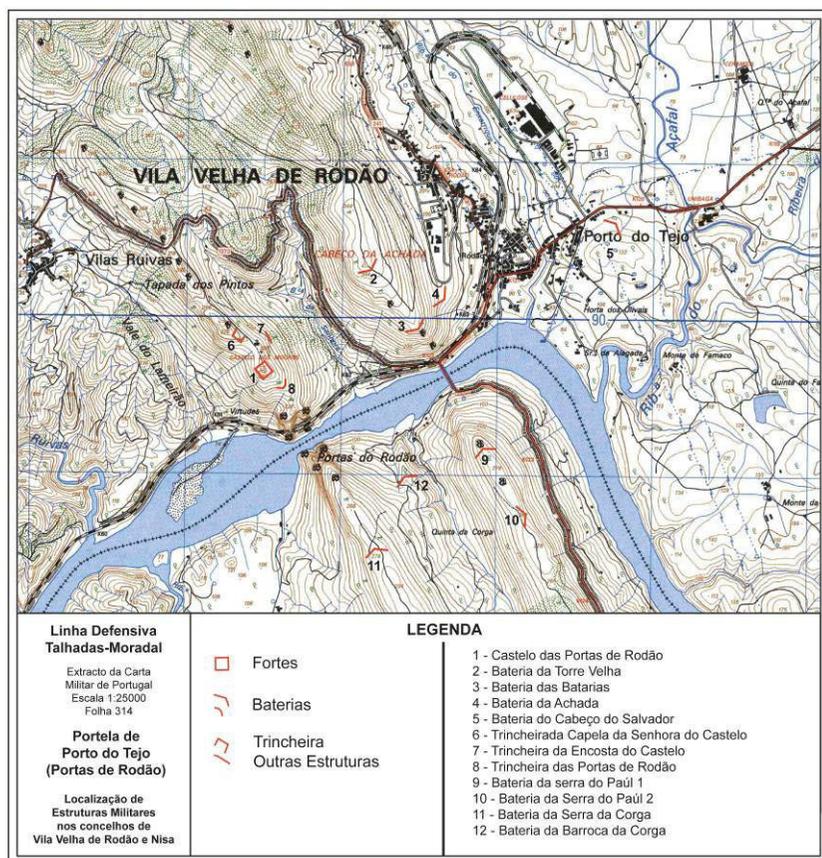


Figura 14. Extracto de cartografia militar à escala 1:25000 com a localização das estruturas conhecidas nos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa.

Em 2004 foram realizadas sondagens na Bateria da Achada<sup>4</sup> onde, devido à passagem de uma máquina que abria corta-fogos durante o combate ao grande incêndio ocorrido em Agosto de 2003, foram provocados danos significativos no braço Sul. Os resultados revelaram uma estrutura complexa, respeitando criteriosamente os princípios da arquitectura militar, construída para permanecer no terreno e ser reutilizada quando necessário. No sector sondado verificou-se ser constituída por três muros paralelos, com um enchimento de pedra solta (bem calibrada) e um aterro externo, tendo como objectivo amortecer a força do impacto de projecteis (Figura 15).

Perante os dados obtidos na Bateria da Achada e no Forte das Batarias é legítimo afirmar que a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal foi construída para perdurar e reutilizar quando necessário e não simplesmente para ser utilizada uma vez e posteriormente abandonada. Não se tratam de simples redutos de campanha (ainda que alguns o possam ser) mas sim redutos duradouros que fortificam um relevo já de si naturalmente fortificado. O facto de não serem estruturas

<sup>4</sup> Henriques, Francisco; Caninas, João C.; SabrosaA, Armando; Henriques, Fernando R.; Gouveia, Jorge (2008) – “As Estruturas Militares da Serra das Talhadas na Passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa)”. *Açafa On-line*, n.º 1.

monumentais deve-se ao facto de não terem sido construídos para uma ocupação contínua e por não protegerem directamente uma metrópole como é o caso das Linhas de Torres.



**Figura 15.** Pormenor da metodologia construtiva na Bateria da Achada (fotografia cedida por João Carlos Caninas).

### 3. Ensaio sobre a tipologia das estruturas militares

Tendo como base os dados até agora conhecidos, efectua-se um ensaio sobre o tipo de estruturas identificadas e das técnicas construtivas observadas.

A construção de qualquer estrutura iniciava-se pelo nivelamento do terreno, a terraplanagem, de modo a criar um terraço seguro, aparentemente com ligeira inclinação para drenagem das águas pluviais. Os terrenos eram limpos de coberto arbóreo tendo como finalidade obter um excelente domínio visual da paisagem envolvente e desobstruir a linha de tiro.

A localização no terreno variava consoante o tipo de reduto e a função que desempenhava, porém era sempre escolhido um local com amplo domínio visual e de difícil acesso para o invasor.

As terras resultantes da terraplanagem eram utilizadas na construção de taludes, sendo as faces internas dos redutos delimitadas por muros em pedra, possivelmente utilizando argila como matéria ligante, pedra esta que era obtida localmente quer na abertura do terraplano como recolhida na envolvente. Eventualmente, a madeira resultante do abate

das árvores era utilizada nas estruturas e para criar barreiras que dificultariam a subida das encostas até aos redutos.

### Forte

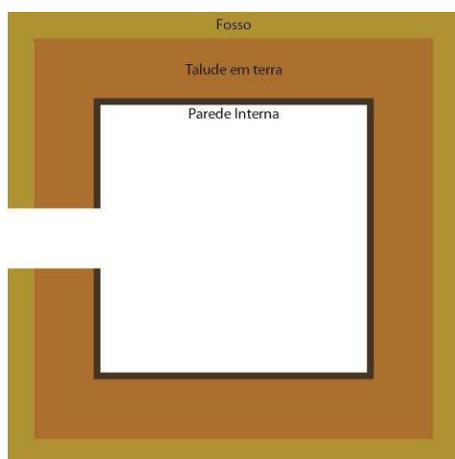


Figura 16. Desenho esquemático de um Forte.

Apenas são conhecidas estruturas desta tipologia na Catraia (Proença-a-Nova). Tratam-se de recintos fechados de planta quadrangular, com uma única entrada, definidos por muros internos em pedra, com cerca de 1m de altura, taludes em terra e fossos escavados na rocha a toda a volta (Figura 16). O Forte das Batarías (Figura 17), o único onde até

hoje decorreram trabalhos arqueológicos, continha no interior um paiol e uma estrutura menor, ambos escavados na rocha. Na encosta virada a Este a rocha foi talhada em degraus de modo a segurar as terras do talude, desconhecendo-se se a mesma técnica foi utilizada nas outras vertentes.



Figura 17. Forte das Batarías 1.

Estes eram redutos primários que continham peças de artilharia em número variado, estando implantados nos pontos mais elevados, associados a baterias de meia encosta e contando com o apoio de outras estruturas na retaguarda.

Fortes identificados no terreno (Proença-a-Nova):

- Forte das Baterias 1, construído em 1762 e reestruturado em 1801 (Forte onde decorreu uma campanha arqueológica em 2007);
- Forte das Baterias 2, construído em 1762 (o mais destruído dos fortes, sendo visível apenas um talude e fosso do lado Norte. Há o relato de um oficial português que no confronto da Catraia, em 1762, refere ter recebido ordens para destruir o reduto antes da retirada, o que afirma terem executado. Dado o nível de destruição em que se encontra poderá ter sido este o referido forte ou então não foi construído com a qualidade dos outros). A estrada de Castelo Branco-Sobreira passava entre os dois fortes, ambos localizados na vanguarda;
- Forte da Catraia Fundeira 1, construído em 1762 e

possivelmente reutilizado em 1801 (juntamente com o Forte da Catraia Fundeira 2 localizava-se na retaguarda dos Fortes das Baterias e ambos controlavam a estrada de Castelo Branco-Sobreira que passava entre os dois;

- Forte da Catraia Fundeira 2, construído em 1762 e possivelmente reutilizado em 1801 (ainda que designado como forte, dado assim ser referido numa carta de 1762 que menciona “os quatro fortes”, não apresenta a mesma qualidade construtiva nem a forma quadrangular. Tem uma forma irregular e não tem talude ou parede interna na face posterior);
- Forte do Couratão, construído em 1801;
- Forte dos Fortes, construído em 1762 e possivelmente reutilizado em 1801 (fica na linha de retirada defendendo a travessia na Ribeira da Fróia, supostamente sobre a via de Castelo Branco – Sobreira Formosa).

### Bateria em Ângulo

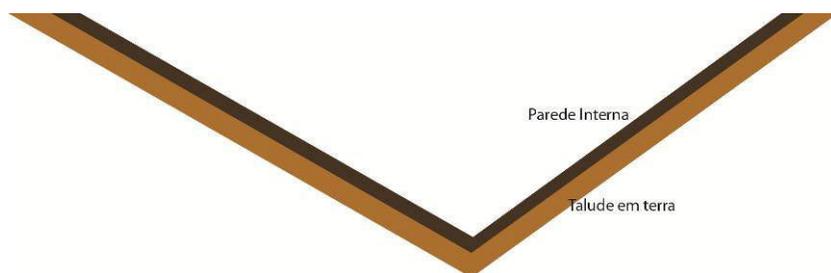


Figura 18. Desenho esquemático de uma Bateria em Ângulo.

Estruturas formadas por duas paredes lineares dispostas em “V”, com um ângulo muito aberto para o interior, sendo este sobre um terraço escavado na encosta, delimitado por muros internos em pedra e um talude em terra no exterior (Figuras 18 e 19). Nalguns casos o talude tem uma estrutura complexa, com diferentes camadas, tendo como objectivo amortecer o impacto de um projectil, situação verificada na Bateria da Achada em Vila Velha de Ródão. Estão associadas a um forte, em frente a este, ou a outras baterias e continham peças de artilharia em número variado. Localizam-se a meia encosta, tendo amplo domínio visual sobre uma via.



Figura 19. Bateria das Batarias 1.

Baterias identificadas no terreno:

em Proença-a-Nova

- Bateria das Batarias 1, construída em 1762 e possivelmente reutilizada em 1801;
- Bateria das Batarias 2, construída em 1762 e possivelmente reutilizada em 1801;

- Bateria do Couratão 1, construída em 1762 e possivelmente reutilizada em 1801;

em Vila Velha de Ródão

- Bateria da Achada, construção provável em 1762 e possivelmente reutilizada em 1801 (a única onde decorreram trabalhos arqueológicos);
- Bateria do Cabeço do Salvador, não se encontra determinado o ano de construção, possivelmente entre 1790 e 1810.

### Bateria Linear

Estruturas formadas por uma parede linear, sendo esta sobre um terraço escavado na encosta, delimitado por muro interno em pedra e um talude em terra no exterior (Figuras 20 e 21). Aparentemente encontram-se isoladas e continham peças de artilharia em número variado. Localizam-se a meia encosta, tendo amplo domínio visual sobre uma via.



Figura 20. Desenho esquemático de uma Bateria Linear.

Baterias identificadas no terreno:

em Proença-a-Nova

- Bateria do Couratão 2, provavelmente construída em 1801;

em Vila Velha de Rodão

- Bateria da Torre Velha, não se encontra determinado o ano de construção, possivelmente entre 1790 e 1810;

em Oleiros

- Bateria do Cabeço das Cruzes (Orvalho), indeterminado a ano

de construção podendo ser de 1762 ou de 1801;

- Bateria da Cardoso, indeterminado a ano de construção podendo ser de 1762 ou de 1801.



Figura 21. Bateria do Cabeço das Cruzes (Orvalho).

### Bateria em Semi-círculo

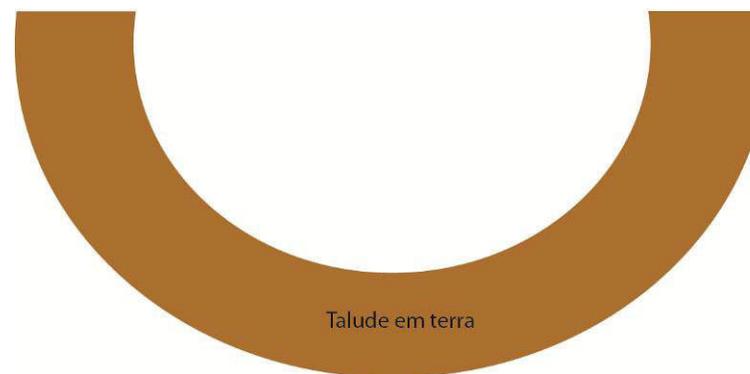


Figura 22. Desenho esquemático de uma Bateria em Semi-circulo.

Estruturas delineadas por um talude em terra, sobre o qual deveria ser construída uma protecção em material perecível (Figuras 22 e 23). Estão associadas a um forte, em frente a este. As baterias desta tipologia teriam uma peça de artilharia, ou duas como parece ser um dos casos identificados. Localizam-se a meia encosta, tendo amplo domínio visual.



Figura 23. Bateria dos Fortes 1, posição mais a sul.

Baterias identificadas no terreno (Proença-a-Nova):

- Bateria dos Fortes 1, construída em 1762 (é constituída por três baterias independentes);
- Bateria dos Fortes 2, construída em 1762.

### Trincheira Fortificada



Figura 24. Desenho esquemático de uma Trincheira Fortificada.

Estruturas de planta variável com paredes internas em pedra e um talude em terra, por vezes contendo um fosso escavado na rocha (Figuras 24 e 25). Maioritariamente localizam-se próximas de um forte, na retaguarda, sobre um caminho, tendo como função defender o forte de um ataque pela retaguarda. No caso específico de Vale de Urso encontra-se em articulação com uma trincheira linear. Por não se saber

ao certo a função e equipamento que estas estruturas continham determinou-se que passariam a ser designadas como trincheiras fortificadas.



Figura 25. Trincheira Fortificada das Baterias.

Trincheiras identificadas no terreno (Proença-a-Nova):

- Trincheira das Baterias, de construção indeterminada – 1762 ou 1801;
- Trincheira do Couratão, possivelmente construída em 1801;
- Trincheira de Vale de Urso 1, de construção indeterminada – 1762 ou 1801.

#### Trincheira Linear

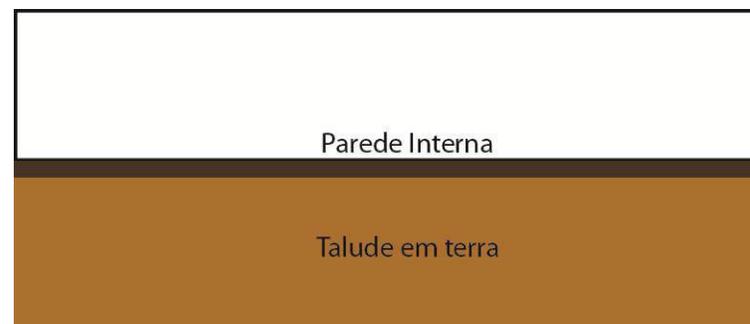


Figura 26. Desenho esquemático de uma Trincheira Linear.

Estruturas formadas por uma parede linear, sendo este sobre um terraço escavado na encosta, delimitado por muro interno em pedra e um talude em terra no exterior (Figuras 26 e 27). Muito idênticas a uma bateria linear mas sobre um terraço mais estreito. Localizam-se a meia encosta, sobre um caminho, tendo como função auxiliar a retirada das forças defensoras dificultando o avanço do inimigo.



Figura 27. Trincheira de Vale de Urso 2.

Trincheiras identificadas no terreno (Proença-a-Nova):

- Trincheira de Vale de Urso 2, de construção indeterminada – 1762 ou 1801.

#### Trincheira em Fosso

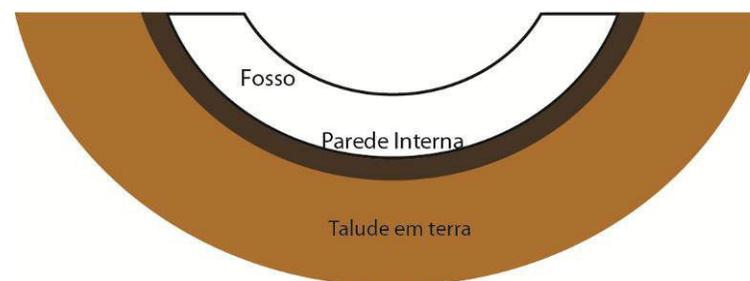


Figura 28. Desenho esquemático de uma Trincheira em Fosso.

Estruturas formadas por uma parede linear, sendo estas sobre um fosso escavado na encosta, delimitado por muro interno em pedra e um talude em terra no exterior (Figuras 28 e 29). Localizam-se a meia encosta, em área com amplo domínio visual, tendo como função dificultar o avanço das forças inimigas e/ou o flanqueamento das estruturas principais.



Figura 29. Trincheira da Cerejeira.

Trincheiras identificadas no terreno (Proença-a-Nova):

- Trincheira da Cerejeira, de construção indeterminada – 1762 ou 1801.

### Cortadura de Via

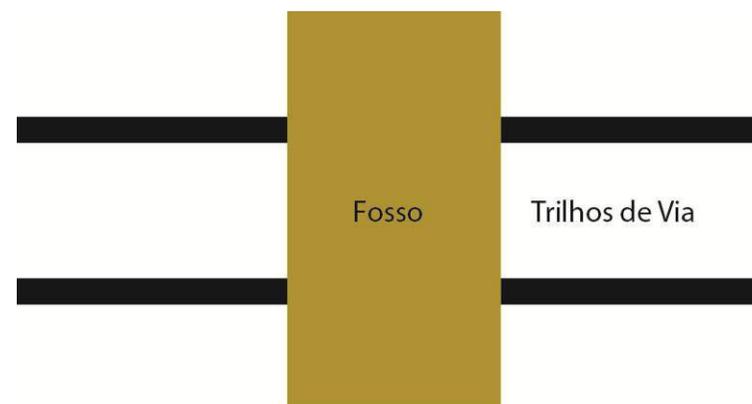


Figura 30. Desenho esquemático de uma Cortadura de Via.

Não se tratam efectivamente de estruturas. Correspondem a fossos (ou valas) que cortam um caminho existente, onde ainda hoje se observam os trilhos feitos pela passagem de carroças. Localizam-se sobre um caminho, tendo como função dificultar o avanço das forças inimigas e impedir a passagem de viaturas.

Cortaduras identificadas no terreno (Proença-a-Nova):

- Cortadura da Cerejeira, sobre a Via com trilhos da Cerejeira, executada em 1762 (referida em 1810 por Castello Melhor &

Cardoso como tendo sido executada por ordem de Lippe).



Figura 31. Cortadura da Cerejeira.

Outras estruturas militares foram identificadas e registadas em Vila Velha de Ródão por Francisco Henriques e João Carlos Caninas<sup>5</sup>,

<sup>5</sup> Henriques, Francisco; Caninas, João; Correia, Fernando Branco (2002): "As Estruturas Militares na Serra das Talhadas". *Açafa*, 5. E também, Henriques,

contudo não foi ainda possível realizar o devido levantamento para as integrar neste estudo. Há também referências a outras estruturas militares que até à data não foi possível localizar no terreno.



Figura 32. Via com Trilhos da Cerejeira.

Francisco; Caninas, João C.; Sabrosa, Armando; Henriques, Fernando R.; Gouveia, Jorge (2008) – "As Estruturas Militares da Serra das Talhadas na Passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa)". *Açafa On-line*, n.º 1.

#### 4. Valor cultural, preservação, valorização e divulgação

Perante o exposto é evidente que quer como estruturas isoladas, quer como conjunto, a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal possui valor histórico e cultural de âmbito nacional, merecendo reconhecimento idêntico ao atribuído às Linhas de Torres, ambas a dado momento decisivas na defesa do Reino.

Trata-se de um valioso património localizado numa região percorrida por violentos incêndios, cuja integridade física se encontra ameaçada pela florestação e pela erosão.

Actualmente encontra-se “Em Fase de Estudo” para classificação um conjunto significativo das estruturas que integram o núcleo da Catraia, porém após a identificação no terreno da totalidade das estruturas deveria ser ampliada a classificação a todas as estruturas militares que constituem a linha defensiva. Para tal é fundamental continuar a trabalhar na identificação e preservação de todas as estruturas que a constituem, sendo indispensável o empenhamento e participação de todos os municípios abrangidos por esta.

O papel da Comunidade é igualmente fundamental, quer no dever de preservar como no direito de usufruir, mas para usufruir há primeiro que as identificar, salvaguardar pelo registo, valorizar, divulgar.

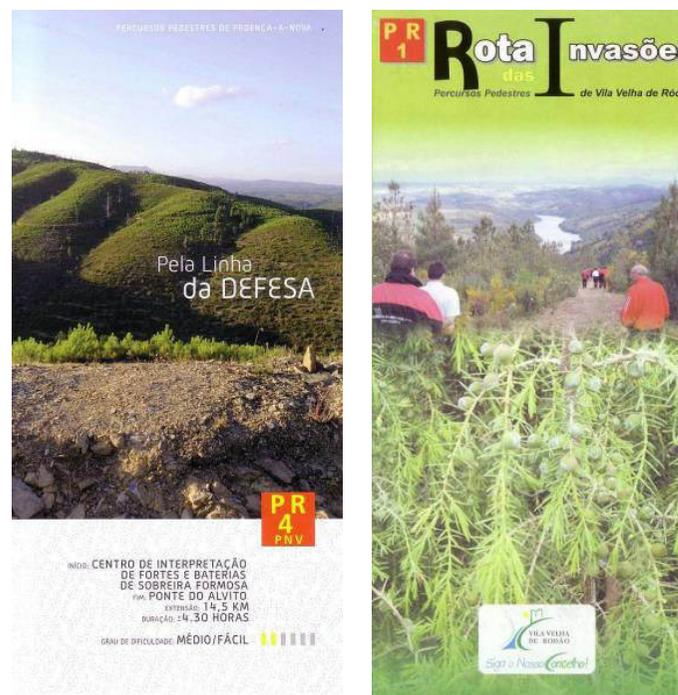


Figura 33. Folhetos de percursos pedestres na linha defensiva, organizados pelos concelhos de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão.

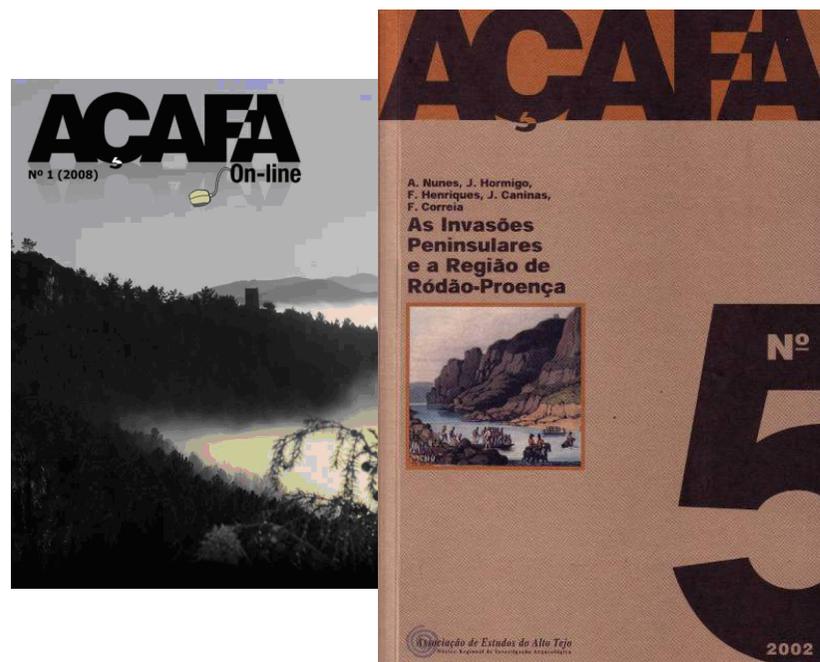
Valorizar as estruturas passa não só pela existência de um centro de interpretação, pela promoção de roteiros e caminhadas (como já se faz nos concelhos de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão), mas também pela limpeza periódica do mato, por acções de sensibilização dos proprietários, pelo controlo do repovoamento florestal, do trabalho dos madeireiros, entre muitas outras situações destrutivas.

Valorizar é também divulgar em publicações impressas a sua existência, aproveitando o potencial didáctico, cultural e turístico da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal. Mas, nos nossos dias, é principalmente explorando o imenso potencial da era digital e dos meios que esta nos concede para rapidamente chegarmos a todos os pontos do planeta e cativar o interesse de milhões de cibernautas.

Usualmente fala-se em sustentabilidade, mas para isso é necessário manter e investir em projectos a longo prazo, aproveitar os recursos disponíveis e nunca descurar ou deixar estagnar o que já está feito.

A preservação será o resultado de todo o trabalho desenvolvido, no qual se têm empenhado a Câmara Municipal de Proença-a-Nova e a Associação de Estudos do Alto Tejo, e a concretização do proposto.

Preservada será não só a memória de uma região, mas acima de tudo a História de Portugal.



**Figura 34.** Algumas publicações onde a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal tem sido divulgada.

## Bibliografia

Antunes, Luís Filipe R. (2008) - “Francisco Tavares Proença Júnior: um Arqueólogo “Moderno” na Pré-História da Arqueologia Portuguesa?”. *Arkeos. Perspectivas em Diálogo*, 22, CEIPHAR, Instituto Politécnico de Tomar, pp. 39-172.

Barrento, António (2006) - *Guerra Fantástica. 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, Tribuna da História, Lisboa.

Berger, José Paulo (2008) - Coord., *A Fronteira da Beira e a Defesa do Território. Cartografia, Fortificação e Arquitectura Militar dos Séculos XVIII-XIX*, Catálogo de Exposição, Centro de Interpretação de Fortes e Baterias da Sobreira Formosa, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, Proença-a-Nova, Novembro de 2008.

Brito, António Pedro da Costa Mesquita (s/d) - *Publicações Alemãs Sobre o Conde de Lippe. Uma Orientação Bibliográfica*. In: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=627>.

Caninas, João; et al. (2003) - *Prospecção Arqueológica do Corredor da Linha Pinhal Interior – Falagueira a 150 KV e Subestação de Corgas*

(*Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa*). *Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico*, Emerita, Lisboa (Relatório cedido pela Emerita).

Castello Melhor & Cardoso (1810) - “Sobre o Giro que por ordem do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> Tenente General António Jozé de Miranda Henriques fizeram os Ajudantes de Campo Marquez de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso, pelas Linhas de posição de Talhadas, Águas Quentes e S. Domingos”. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.<sup>o</sup> Vol., Lisboa, 1976, pp. 445-456.

Henriques, Francisco; Caninas, João; Correia, Fernando Branco (2002) – “As Estruturas Militares na Serra das Talhadas”. *Açafa*, 5, *Actas do Colóquio “As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão” (Vila Velha de Ródão, Maio de 2000)*, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 43-71.

Henriques, Francisco; Caninas, João C.; Sabrosa, Armando; Henriques, Fernando R.; Gouveia, Jorge (2008) – “As Estruturas Militares da Serra das Talhadas na Passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa)”. *Açafa On-line*, n.º 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão. pp. 2-29.

Monteiro, Mário; Pereira, André (2008) - "O Forte das Baterias sobre a Ribeira do Alvito. Proença-a-Nova. Análise Preliminar da Intervenção Arqueológica". *Açafa On-line*, n.º 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Preonça Júnior, Francisco Tavares de (1910) - *Archeologia do Districto de Castello Branco – 1ª Contribuição para o seu Estudo*, Leiria.

Silva, B. Martins (1976) - "Chronologia Histórica, política e Diplomática e Militar e Parlamentar de Portugal. Desde que Sua Alteza o Príncipe D. João Reassumiu a Regência do reino em 1799, até aos Nossos Dias", in: *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 89-111.

Soriano, Simão José da Luz (1876) - "História do Reinado del-Rei D. José I e da Administração do Marquez de Pombal", in: *Documentos e Notas para a Monografia de Sarzedas*, pelo Cónego Francisco Alexandrino Duarte de Miranda e Godofredo Alberto dos Santos Ferreira, (s/l), 1986, pp. 80-91.

Torrezão, Simão Coelho (s/d) - "Epilogo Histórico da Guerra de Portugal com Castela. No Anno de 1762. Offerecido a S.A.R. O Seren.º Príncipe

Nosso Senhor. Por Simão Coelho Torrezão. Sargento-mor da Câmara de Tavira", in: *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 405-423.

Vicente, António Pedro (2007a) - *Guerra Peninsular. 1801-1814*, Quidnovi, Lisboa.

Vicente, António Pedro (2007b) - "Invasões Francesas. 1801. Ano Zero". *Actual* de 24 de Novembro, *Expresso*, Lisboa.

## Cartografia

Oleiros: Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, folhas 254, 266, 267, 278 e 279.

Proença-a-Nova: Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, folhas 290, 291, 302 e 303.

Vila Velha de Ródão e Nisa: Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, folha 314.

Pretorius, Jacob Crisóstomo (1762) - *“Mapa de Todo o Rio Creza e de Terrenos que lhe confinão, e que tenham alguma couza de remarquavel pelos Campementos diferentes deste ultima Guerra, como também dos Rayos das Serras, principiando do Rio Zefare ate alem do Rio Tejo, 1762”* Referência 3665/l-3-33-45, DIE, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar.